

A PRESENÇA DO PRESENTE NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL: UMA ANÁLISE DOS ARTIGOS SOBRE O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO (2012-2019)¹

Mariani Casanova da Silva², Caroline Jaques Cubas³.

¹ Vinculado ao projeto “O Escolar e o Ensino de História: Sujeitos, Espaços, Gestos e Materialidades na formação inicial docente em História”

² Acadêmico (a) do Curso de História - FAED – Bolsista PROBIC

³ Orientadora, Departamento de História – FAED – caroljcubas@gmail.com

O presente trabalho se insere no projeto de pesquisa intitulado “O Escolar e o Ensino de História: Sujeitos, Espaços, Gestos e Materialidades na formação inicial docente em História” desenvolvido pela Profª Drª Caroline Jaques Cubas. O mesmo tem como objetivos gerais discutir os sentidos atribuídos à escola no tempo presente e investigar elementos concernentes ao ensino de História e à formação docente inicial em História.

As fontes analisadas em minha pesquisa foram os artigos elaborados pelos estudantes de licenciatura em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) ao longo do seu processo de formação docente inicial e que foram compilados e publicados em quatro volumes¹ intitulados “Experiências de Ensino de História no Estágio Supervisionado”. Pelo anseio de um debate sobre o conteúdo destes volumes se faz válida uma análise acerca das considerações sobre as experiências que o Ensino de História proporciona nesses cenários, durante a realização dos estágios supervisionados.

É relevante perceber que essas produções podem ser vistas não apenas como uma formalidade - trabalho final da disciplina -, mas como objetos de pesquisa e reflexão. São diversas as perspectivas possíveis para se construir uma narrativa sobre esses relatos, contudo, o caminho escolhido foi observar a maneira como o presente aparece nas aulas de História nas experiências de estágio. Para tanto, buscamos atentar ao lugar ocupado pelo/a estagiário/a, e com isso, analisar os objetivos e potencialidades de atividades propostas em aulas, sempre observando em que medida elas articulavam relações com o presente.

Fazemos uso das reflexões feitas por Fonseca² (2011, p. 27) ao caracterizar o espaço que estagiários/as ocupam dentro da escola como um *não-lugar*, ao passo que não são nem estudantes, nem professores ou funcionários da escola. Ao mesmo tempo, têm sua posição delimitada dentro da academia, onde são reconhecidos como estudantes, e com isso os caminhos do conhecimento escolar e do conhecimento acadêmico se aproximam, e muitas vezes se confundem na atuação do/a estagiário/a.

O caráter provisório da presença do estagiário na escola afeta a forma como as relações entre a comunidade escolar e esses indivíduos se dão, isto é, apesar das mais diversas dinâmicas propostas dentro de sala de aula, a chegada desses “estranhos” ocasiona inquietude entre os alunos

¹ O Volume I não faz parte das análises pela impossibilidade de acesso à Biblioteca Universitária da Universidade do Estado de Santa Catarina por conta do estado de quarentena imposto durante a pandemia do Covid-19 em 2020

² FONTANA, Roseli A. C. Estágio: do labirinto aos frágeis fios de Ariadne. In: GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S.; FERRO, M. E. (Orgs.). *Estágio supervisionado e práticas educativas: diálogos interdisciplinares*. Dourados (MS): Editora UEMS, 2011, p.19-31.

e as alunas. A recorrência dessas questões nos volumes analisados nos mostra que a inserção do estagiário na sala de aula frequentemente faz com que se desenvolvam reflexões a respeito do lugar ocupado pelo mesmo, sobre os conhecimentos adquiridos ao longo da jornada acadêmica e como transpassá-los para o ambiente escolar.

Através da leitura e fichamento dos artigos, foi feito um levantamento das menções ao presente. O foco não se deu na quantificação das citações, e sim na forma como o presente se envolve nas temáticas trabalhadas pelos estagiários, visto que ao longo dos artigos, esse tema muitas vezes surge, mas sem grande enfoque prático. Nesses casos, as relações feitas com o tempo presente acabam tomando rumos diferentes. Num aspecto teórico, os conceitos são similares aos trabalhados dentro da academia e fortalecem os argumentos sobre a importância de fazer a relação entre o presente e o passado, contudo, na prática, essas aparecem quase como um impulso ou justificativa para “voltar ao passado”, sem o estabelecimento de relações efetivas.

Cabe ressaltar que apontar esta falta de articulação entre justificativa e relato da prática torna-se relevante pela presença em parte considerável dos artigos, de formas e intensidades diferentes, e certamente com motivações diferentes, visto que estamos limitados ao que foi escrito sobre cada experiência, e às escolhas dos autores e autoras sobre o que incluir e o que excluir.

Pela leitura dos artigos, pudemos perceber que quanto mais longe temporalmente um conteúdo, mais sinuoso parecia ser estabelecer relações passado-presente sem cair em armadilhas clichês de mera comparação entre dois tempos distintos. Exercício que pode facilmente resultar em anacronismos, além de muitas vezes tornar mais difícil que os estudantes não tenham uma visão encapsulada da História, entre passado e presente, o ‘lá’ terminado e o ‘agora’ contínuo.

Os relatos que mais pareciam alinhados entre prática e objetivos foram os que trouxeram abordagens e atividades que se relacionavam intrinsecamente com o cotidiano dos alunos. Tornando a presença do presente não como ‘algo a mais’, mas sim como uma das rodas dentadas de uma grande engrenagem, que apesar de individuais, são ligadas e interferem no funcionamento umas das outras. Muitos também relacionando conceitos com o próprio cotidiano escolar, tornando o conteúdo mais prático e palpável aos alunos, inseridos quase diariamente naquele ambiente.

Nesses casos, ao fazer esse malabarismo entre conhecimento acadêmicos e escolares, conscientes da situação não-convencional em que se encontram, os estagiários e estagiárias efetivamente ocupam o *não-lugar* designado a eles/elas naquele momento.

Esse estudo inicial sobre as publicações contribui para a fomentação de debates e reflexões sobre práticas durante as experiências de estágio docente. Enxergando cada volume como um todo, é possível perceber discrepâncias e semelhanças nas diversas maneiras como o presente aparece nos planejamentos e atividades. E com isso, perceber os desafios do Ensino de História em sala de aula, de que forma possibilitam as mais diversas maneiras de aprender, e observando que o tempo presente pode ser umas das ferramentas, porém, por vezes ainda sentido como um obstáculo.

Palavras-chave: Ensino de História. Formação. Tempo Presente.